



A AVENTURA COMO DESAFIO AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

THE ADVENTURE AS A CHALLENGE TO PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

LA AVENTURA COMO UM RETO PARA LOS MAESTROS EM EDUCACIÓN FÍSICA

Dimitri Wuo Pereira

Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: dimitriwuo141@gmail.com

Sara Pereira Romão

Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: sara.pereiraromao@gmail.com

Aline Aparecida Silva Camargo

Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo, Brasil
Email: alinehrh@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da percepção dos estudantes de Educação Física a respeito da temática da aventura, dada a sua importância recente nos cursos de graduação. O objetivo foi revelar o entendimento dos futuros professores sobre o tema da aventura e a importância que dão ao assunto. A pesquisa qualitativa e quantitativa com abordagem descritiva exploratória contou com a participação de 218 estudantes do 1º ano do curso de Educação Física de uma Universidade privada de São Paulo. Observou-se que os estudantes valorizam a aventura por promover o desenvolvimento de condições psicológicas e o conhecimento adquirido é entendido como ampliação cultural e nova abertura para o mercado de trabalho. Os estudantes se interessam por aprender as práticas de aventura e apontam para uma expansão dessa área de atuação, cabendo às Instituições de Ensino Superior abordar esses conhecimentos para que sejam parte do acervo cultural dos futuros profissionais.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Aventura; Profissionalização.

ABSTRACT

This article is related to the perception of Physical Education students regarding the theme of adventure, given its recent importance in undergraduate course. The objective was to reveal the future teachers' comprehension of the adventure theme and the importance they give to that. The qualitative and quantitative research with an exploratory descriptive approach was attended by 218 students from the 1st year of the Physical Education course of a private University in São Paulo. It was observed that the students value adventure because it promotes the development of positive psychological conditions and the knowledge acquired is understood as a cultural expansion and new openness to labor market. The students showed interest in learning the practices of adventure and point to an expansion of this area of expertise, and it is up to the Higher Education Institutions to approach this knowledge to be part of the cultural collection of future professionals.

Keywords: School Physical Education; Adventure; Professional Development.

RESUMEN



Este artículo trata sobre la percepción de los estudiantes de la Educación Física sobre el tema de la aventura, dada su importancia reciente em los cursos de pregrado. El objetivo era revelar la comprensión de los futuros maestros sobre el tema de la aventura y la importancia que le dan. La investigación qualitativa y quantitativa com enfoque exploratorio descriptivo contó con la participación de 218 estudiantes del 1er año del curso de Educación Física de una Universidad privada de São Paulo. Se observó que los estudiantes valoran la aventura por promover el desarrollo de condiciones psicológicas positivas y los conocimientos adquiridos se entienden como expansión cultural y nueva apertura a lo mercado laboral. Los estudiantes mostraron interés en aprender las prácticas de aventura y apuntan a una expansión de esta área de especialización, y compete a las instituciones de Educación Superior abordar este conocimiento para que se convierta en parte del patrimonio cultural de los futuros profesionales.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Aventura; Profesionalización.

INTRODUÇÃO

Na Educação Física, as transformações econômicas e tecnológicas, aliadas à valorização da estética corporal, a saúde e a qualidade de vida, tornaram os cursos mais diversificados nas últimas décadas. Ressalta-se que desde 2003, o Conselho Nacional de Educação, através da determinação legal subsidiada pela LDB de 1996, garantiu às Instituições de Ensino Superior (IES) a autonomia necessária a organização dos currículos de formação profissional, desde que respeitadas e definidas de forma evidente as competências e habilidades que pretende desenvolver nos futuros profissionais, observadas às necessidades das demandas sociais (CNE – PARECER nº67/2003).

Terrão (2017) aponta que desde o início do século XXI cresceram as oportunidades de atuação dos profissionais de Educação Física, sejam no âmbito escolar, ou nos espaços não escolares do lazer, esporte e saúde, exigindo direcionamento dos cursos de graduação para uma segmentação da formação em licenciatura e bacharelado alicerçada pela regulamentação da profissão através do Conselho Nacional de Educação Física, apesar deste não ser um consenso na área.

Entre as novas propostas de conteúdos que vieram para atender as lacunas existentes na formação em Educação Física, está a temática da aventura. Diversos fatores contribuíram para o crescimento deste tema, como a popularização de modalidades como o skate, o surfe, entre outras; a busca pelo contato com a natureza no tempo livre; o apelo midiático para as proezas de

práticas arriscadas; o desenvolvimento tecnológico que tornaram materiais e equipamentos mais acessíveis à população de práticas de risco (MARINHO; INÁCIO, 2007; DIAS, 2007; PEREIRA et al., 2017).

Outro fator relevante foi a Conferência Rio Eco 92, que acendeu a discussão sobre a preservação da natureza e com a criação da Agenda 21, reafirmou o papel da educação na conscientização dos seres humanos sobre seu papel de conservacionistas, tendo a aventura ligação direta com o assunto, pelas diversas práticas em contato direto com o ambiente natural (BAHIA, 2010).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também demonstrou que havia na aventura uma relevância social que lhe permitiria um destaque em relação ao ensino, assim, definiu as Práticas Corporais de Aventura como unidade temática para todo território nacional, dando mais um impulso para que os cursos de graduação trouxessem esse debate para o currículo (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016).

Sobre a terminologia adotada neste texto, entende-se que a proposta de Práticas Corporais de Aventura, tal qual colocado na BNCC, propiciou uma reflexão, na qual a única unidade temática da Educação Física que utiliza um adjetivo para sua identificação é a aventura, as demais; esporte, dança, luta, ginástica, jogo e brincadeira, são substantivos, motivo pelo qual se utilizará o substantivo aventura para identificar as práticas ou atividades, sejam elas esportivas, educacionais ou de lazer que contém o risco e a vertigem como elemento central de



suas intencionalidades (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PEREIRA, 2020).

Se por um lado a aventura propiciou diversos olhares para a relação ser humano ambiente, por outro, poucos estudos analisaram a participação feminina neste campo, talvez pelo fato da relação risco e perigo estar diretamente relacionada às práticas, revelando uma visão de que expor-se ao risco é algo voltado ao universo masculino. A presença feminina nos esportes de aventura é constante, mas ainda é restrita, especialmente pelo preconceito social, cuja visão machista da própria sociedade considera as práticas de risco e perigo como masculinas, dificultando o acesso da mulher ao esporte de aventura (ODILA; ISAYAMA, 2009; SCHWARTZ et al., 2013).

Diversos trabalhos verificaram os motivos relacionados ao interesse das mulheres pela aventura, como a oportunidade de contato com a natureza, a proximidade da prática com a contingência de vivência, emoção, sensação de prazer no risco, além do contato com ambiente natural do qual a mulher se distancia nas tarefas do cotidiano (SCHWARTZ et al., 2016; GOELLNER, 2005).

Outro ponto importante, refere-se a inclusão de pessoas com deficiência nas práticas de aventura, afinal, se há inúmeros obstáculos que vão desde a acessibilidade até o preconceito em relação ao público com necessidades especiais à prática esportiva e de lazer, o que dizer da aventura que envolve riscos, lugares de difícil acesso e cujas adaptações são ainda mais complexas (SILVA et al., 2019).

A premissa de que parte este estudo é que as IES ainda não se organizaram para oferecer a disciplina de aventura nos cursos de formação com a abrangência que o conteúdo exige, para dar conta da inserção da aventura nos âmbitos da educação, do lazer, do esporte e da saúde. Assim, o objetivo foi revelar o entendimento dos futuros professores sobre o tema da aventura e a importância que dão ao assunto, enquanto futuros profissionais de Educação Física. Pretende-se, também, descobrir as diferenças de posicionamento entre homens e mulheres em relação ao tema da aventura, qual a importância

do tema na formação e a percepção os estudantes têm sobre a aventura na Educação Física escolar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa e quantitativa, com abordagem descritiva exploratória, que segundo Gil (2008), têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. A principal finalidade da pesquisa exploratória é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

O lócus do estudo foi um curso de graduação em Educação Física de uma Universidade privada de São Paulo, escolhido intencionalmente por conveniência e fizeram parte da pesquisa estudantes do 1º ano do curso para responder um questionário confeccionado pelos pesquisadores.

A amostra foi composta por 218 graduandos, sendo 138 homens e 80 mulheres, com idade média de 22,6 anos e desvio padrão de +/- 5,85 anos, doravante apresentados como homem 1 = H1, homem 2 = H2 e mulher 1 = M1, mulher 2 = M2 e assim por diante.

Como critério de exclusão os(as) participantes do estudo não poderiam ter frequentado a disciplina de esporte de aventura presente na grade curricular da instituição, para evitar contaminação nas informações por conhecimentos adquiridos a respeito do tema. A coleta de informações foi realizada na própria Universidade e os pesquisadores auxiliavam individualmente os colaboradores no caso de dúvidas em relação às perguntas. O questionário continha as seguintes perguntas:

1. Você pratica ou já praticou alguma modalidade de aventura ou radical? Qual?
2. Você gostaria de aprender alguma modalidade de aventura ou radical no curso de Educação Física? Qual?
3. Você considera importante aprender esporte de aventura no curso de graduação em educação Física? Por quê?



4. É possível o (a) professor (a) de Educação Física incluir os esportes radicais ou de aventura nas aulas de Educação Física escolar?

5. Quais modalidades radicais ou de aventura você considera importante aprender?

6. Qual a diferença entre esportes de aventura e esportes tradicionais?

Os (as) participantes assinaram o TCLE concordando com o estudo, que foi submetido e aprovado pelo comitê de ética sob protocolo número 948715.

A análise dos dados obtidos utilizou o Microsoft Excel 2.0 para média, desvio padrão e porcentagem e a análise de conteúdo temático (BARDIN, 2008), para as questões abertas do levantamento, permitindo compreender e interpretar de modo quantitativo e qualitativo os dados do estudo.

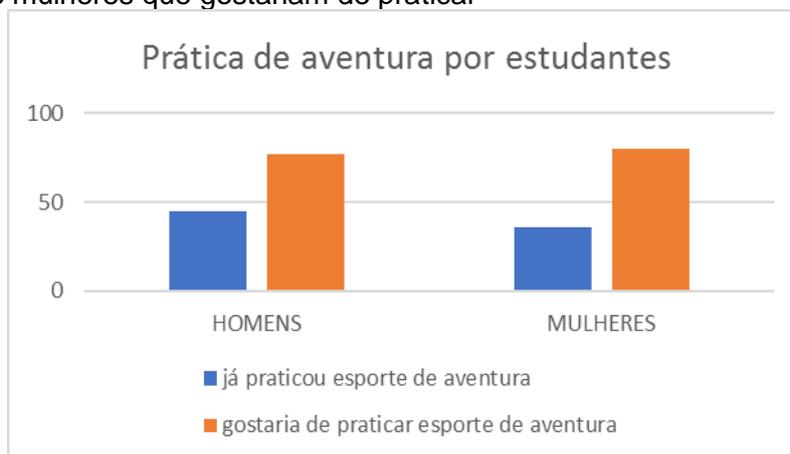
A partir da análise de conteúdo temático emergiram unidades de registro que se mostraram significativas e frequentes em relação ao objetivo da pesquisa, sendo possível organizar

seis categorias presentes nas respostas dos estudantes, que se ajustaram em classes devido às características comuns de seus elementos semânticos, sintáticos e léxicos. Assim, a aventura torna-se relevante ao profissional de Educação Física para: Desenvolvimento (físico, mental, emocional); Conhecimento (profissional dos aspectos da segurança, do mercado de trabalho e da cultura corporal); Diversificação (variação de conteúdos no âmbito do esporte e do lazer); Ensino (aprendizagem da temática e acesso à cultura da aventura na escola); Risco (perigos da prática e necessidade de maior segurança); Natureza (atividades ao ar livre).

RESULTADOS

As duas primeiras perguntas investigaram se os (as) estudantes já praticaram a aventura e o grau de interesse que eles (as) apresentam em relação ao esporte de aventura.

Gráfico 1 – Percentual de 45% de homens e 36% de mulheres que já praticaram aventura, com 75% de homens e 80% de mulheres que gostariam de praticar



Fonte: construção dos autores

As modalidades mais citadas entre os homens foram: o skate com 31, seguidas do rapel e escalada com 9 e 7 sujeitos respectivamente, enquanto 7 mulheres citaram o skate, ficando a escalada e o rapel com 5 cada uma. Quando a pergunta foi sobre o que gostariam de aprender, verificou-se que a escalada obteve 26 respostas dos homens e 12 entre as mulheres, sendo a prática com maior interesse, seguida do skate com 20 para os homens e 9 para as mulheres.

Entre os homens o parkour aparece com 17 respostas, 10 para o slackline e 9 para o paraquedismo, enquanto as mulheres preferem o surfe com 8 e o slackline com 7 respostas. Observou-se que 26 pessoas disseram todas ou várias modalidades, não citando uma específica, foram descritas as modalidades de paraquedismo, rapel, asa delta, trilha, parkour, mergulho, bungee jump, entre outras. Os homens foram os únicos a escolher modalidades com motor que

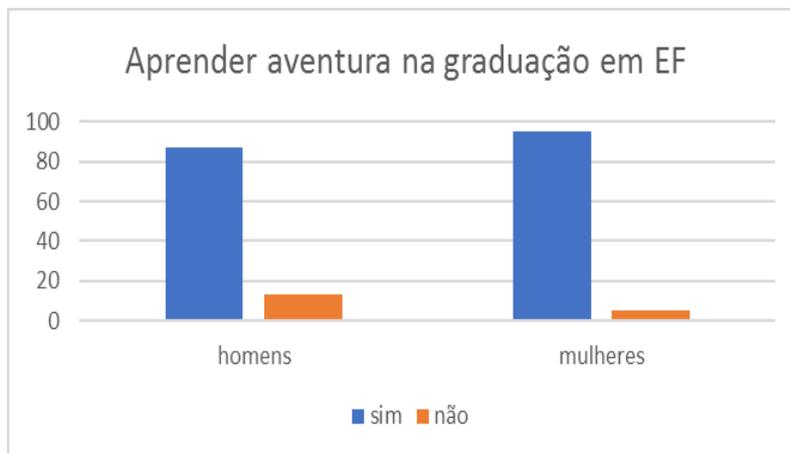


gostariam de praticar com o motocross e rally de carro.

A terceira pergunta referiu-se a importância que os participantes dão à aventura. Você

considera importante aprender esporte de aventura no curso de graduação em Educação Física?

Gráfico 2 – Percentual de 87% dos homens e 95% pensam ser importante aprender na graduação a aventura



Fonte: construção dos autores

A maioria considera importante o aprendizado da aventura nos cursos de graduação em Educação Física. Entre as opções contrárias a esse conhecimento no curso, 4 justificaram como não sendo importante e 7 pelos perigos que representam essas atividades.

A análise das categorias permitiu observar que a aventura pode promover o Desenvolvimento dos profissionais. Entre os homens foi dito: “Para os professores perderem seus medos” (H121) e “Para desenvolver o espírito aventureiro” (H9), já entre as mulheres: “Porque desenvolve fatores emocionais” (M3) e “Porque beneficia o condicionamento físico e reduz o estresse” (M5).

No aspecto do Conhecimento: “Agregam na formação acadêmica, física e cultural do aluno (H1) e “Traz uma abrangência maior de conhecimento” (H44), em relação as respostas das mulheres obteve-se: “Para ter conhecimento e segurança (M56) e “Para ter mais espaço no mercado de trabalho” (M55).

Em relação à categoria Diversificação, obteve-se: “Para criar uma maior diversidade de

atuação” (H14) e “Ampliar a área de atuação profissional” (H118), enquanto que as respostas femininas foram: “Conhecimento e prática de uma modalidade diferente das padronizadas” (M24) e “Porque os esportes possuem diversas variações” (S18).

Já na categoria Ensino: “Porque faz parte do processo de ensino” (H52) e “A criança precisa vivenciar tudo que puder na infância” (H62) e as mulheres disseram: “Para saber colocar em prática e passar aos alunos” (S41) e “Porque grande parte das crianças não tem acesso a esses esportes” (S52). Assim, vemos que há motivos pessoais e profissionais que levam às estudantes a crerem na aventura como uma possibilidade real de desenvolvimento humano e por consequência esse conteúdo merece atenção dos cursos de graduação.

Sobre a pergunta número quatro: É possível o professor de Educação física incluir os esportes de aventura nas aulas de Educação Física escolar? Obtiveram-se as seguintes respostas:



Gráfico 3 – Percentual de 70% dos homens e 60% das mulheres considera possível inserir a aventura na escola



Fonte: construção dos autores

Apesar da maioria de homens e mulheres considerarem possível inserir a aventura nas escolas, essa proporção é maior entre os rapazes. Entre os motivos justificados por aqueles que entendem que não é possível ensinar a aventura na escola, observou-se que 11 homens e 16 mulheres apontaram como justificativa a falta de estrutura e recursos, em seguida, 5 homens e 8 mulheres mencionaram o risco que essas práticas possuem para a integridade física das crianças.

Já entre os que consideram possível essa inclusão nas aulas de Educação Física, na categoria Desenvolvimento algumas respostas indicam que: “Por estimular as capacidades motoras de jovens e crianças” (H19). “Mostrar que é possível superar dificuldades (H85). “É possível trabalhar equilíbrio, coordenação etc.” (M1). “Todo estímulo é importante e isso pode definir até o que a criança pode fazer quando adulta” (M43).

Na categoria Conhecimento os homens disseram: “Quanto mais cedo aprender menos preconceito terá” (H72) e “É necessário que os alunos tenham mais informação e como praticá-los” (H43) e do lado feminino, algumas respostas foram: “Para se ter novos conhecimentos nos esportes” (M9) e “É um incentivo a novas descobertas” (M49).

No aspecto da Diversificação: “Tem uma infinidade de lugares para praticar (H121). “Pela variedade e interesse dos alunos” (H81). “Porque se pode fazer adaptações simples e básicas” (M18). “Porque o professor poderia conduzir os

alunos até um parque, por exemplo, para os alunos fazerem uma trilha”.

E na categoria Ensino, algumas respostas foram: “Pois pode ser ensinada a prática pedagogicamente” (H24). “Através do lúdico” (H97). “Se for apresentado de forma lúdica e pedagógica não há problema” (S13). “De modo simulatório, o professor pode levar para seus alunos” (S6).

Na questão sobre a diferenciação entre esporte de aventura e o esporte tradicional a categoria Risco, foi a mais evidenciada com quase a metade apontando que o risco e o perigo são a principal diferença com o esporte tradicional: “São termos usados para designar esportes com um alto grau de risco físico, dadas as condições extremas de altura, velocidade que são praticados” (H23). “Os esportes de aventura são mais arriscados se comparados aos tradicionais” (H16). “Esportes de aventuras, são esportes com alto grau de risco físico, de altura e velocidades etc.” (M4). “Nos esportes de aventura, a pessoa precisa de mais segurança por expor sua vida em risco e ter consequências graves. Já nos esportes tradicionais a segurança é moderada, pois não expõem a vida e nem tem consequências graves” (M58).

Outro apontamento foi a relação com o ambiente de prática ser diferenciado, colocando a Natureza como um espaço privilegiado da aventura: “Os esportes de aventura promovem um contato maior com a natureza” (H28). “A pessoa tem um leque maior em contato com a



natureza” (H66). “O tradicional ocorre em um lugar específico e o de aventura em lugares ao ar livre” (M6). “O contato com a natureza, enquanto o tradicional é mais urbano” (M79).

Em relação à categoria Conhecimento descobriu-se que alguns rapazes disseram: “A aventura exige mais conhecimento devido aos riscos” (H88). “A aventura foge dos padrões e faz ampliar os conhecimentos” (H19). “O esporte de aventura tem que ir atrás para conhecer e o esporte tradicional se aprende desde criança” (M25). “O esporte de aventura precisa de preparo, o ‘normal’ nem tato” (M37), afirmando que há necessidade de um conhecimento específico na aventura, provavelmente, para enfrentar sua imprevisibilidade.

Sobre o Desenvolvimento que essas práticas oferecem, entende-se que há distinções, pois a aventura: “Exige muita coragem” (H45). “Vencer o medo e desenvolver novas habilidades (H62). “O esporte de aventura trabalha com seu emocional, quando praticados na natureza” (M38). “O esporte de aventura nos traz sensações de liberdade, de desafios, quando você cai e se machuca e se levanta é como se você vencesse, você desafia a vida e vence” (M56). “A aventura é mais voltada para a adrenalina combinada com a liberdade e tradicionais visam competição” (M1).

Sobre a Diversificação algumas respostas consideraram que: “Os esportes de aventura não necessitam de regras específicas e possuem um modo mais livre” (H4). “Há um grau de dificuldade e técnica específica na aventura” (M61). “A aventura foge dos padrões” (M58).

Algumas mulheres encontram na categoria Ensino algumas particularidades: “A aventura é para quem realmente se interessa, não se encontra na escola” (M3). “Os dois podem ser usados como diversão, mas só o tradicional é trabalhado na escola” (M39). “Tradicional é praticado na escola e aventura não” (M78).

DISCUSSÃO

Os dados sobre a relação dos estudantes de Educação Física com a prática da aventura revelaram que menos da metade já teve contato

com esse tipo de atividade o que demonstra que a aventura ainda não faz parte da cultura da maioria deles (as).

Descobriu-se também que a aventura reproduz o estereótipo de um campo masculino no qual a mulher tem menos espaço, porque não apresenta a coragem necessária para o enfrentamento do risco, falácia já revelada por Abdalad e Costa (2009), que analisando a participação da mulher em atividades de aventura, afirmam que aquelas que encaram esse desafio adquirirão qualidades como força, coragem e autonomia, que são consideradas como mitos masculinos. Por outro lado, as mulheres demonstraram ainda mais interesse por aprender as práticas de aventura, o que nos remete a noção, de que a cada dia a mulher se mostra mais ousada em todos os campos da vida, sendo o gosto pelo risco na aventura uma prova de sua força.

Entre as experiências que esses estudantes relataram já ter vivido, o skate a escalada e o rapel, foram as mais citadas. Tratando-se de uma pesquisa no município de São Paulo, o resultado era esperado para o skate, pois a região conta com muitos adeptos e o Brasil é a segunda potência mundial, ficando atrás apenas dos EUA, onde surgiu (GOUVEIA; DUARTE; NAVARRO, 2008). A escalada e o rapel também são desejos latentes dos estudantes, a esse respeito, Pereira (2010) mostra que divertir-se no ambiente vertical tem atraído muitas pessoas nas últimas décadas, o que indica que essas atividades devem receber um olhar atento dos profissionais de Educação Física no futuro, e que IES devem abordar esses conhecimentos.

Os estudantes têm desejo de conhecer diversas atividades de aventura, porém as mulheres tenderam a escolher o surfe, talvez pela liberdade do contato com a natureza no tempo livre como apontam Pereira Neto e colaboradores (2017). As respostas dos rapazes foram as únicas nas quais apareceram modalidades com motor como *motocross* e *off road*, reforçando a dicotomia cultural, que desde a infância, conduz o menino a desejar o carrinho, pelo poder associado aos automóveis. Nesta perspectiva, percebe-se uma evolução maior das mulheres, pois preferem atividades não poluentes e



preservacionistas, contribuindo com as gerações futuras além do seu prazer pessoal.

A aventura na graduação em Educação Física deve ser tratada com atenção pelos cursos de graduação, porque a grande maioria dos estudantes acredita na importância desse conteúdo na formação do professor. Entre os poucos sujeitos da pesquisa que entendem que ela não deve fazer parte do currículo, estes citam os riscos como fator contrário, porém sobre isso já existe literatura demonstrando sua viabilidade no ensino básico (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; PAIXÃO, 2017).

A análise de conteúdo mostrou que os estudantes valorizam o tema da aventura por promover o desenvolvimento de condições psicológicas positivas aos profissionais e o conhecimento adquirido é entendido como ampliação cultural e nova abertura para um mercado de trabalho cada vez mais exigente. As respostas de homens e mulheres é homogênea a respeito da aventura como parte da diversidade da Educação Física, incluindo o espaço escolar, tal qual ponderaram Pereira, Galindo e De Paula (2017).

Quando questionados a respeito da sua presença na escola, verifica-se que a maioria considera sua possibilidade. Nota-se que uma parcela considerável enxerga vários obstáculos sendo a falta de estrutura o mais citado (FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018), ficando evidente que mesmo para alunos recém ingressantes nos cursos de graduação, muitos dos quais concluintes do ensino básico, a falta de um espaço adequado e de materiais específicos impacta diretamente na qualidade das aulas (TENÓRIO; TASSIANO; LIMA, 2012) e em se tratando de aventura, esse problema torna-se ainda maior.

Entre aqueles que enxergam como possível a presença da aventura nas aulas de Educação Física escolar, o desenvolvimento psicomotor apareceu como um benefício a ser alcançado, revelou-se também a importância de adquirir esse conhecimento para perder o preconceito sobre a aventura, pois ela é entendida como parte da cultura corporal como está na BNCC. Outro aspecto revelado pelos estudantes em sua visão sobre a aventura nas escolas, reside na chance de

conhecer novos ambientes fora dos muros escolares, com atividades externas, o que traria novas aprendizagens. Os sujeitos destacam as adaptações que podem ser feitas pelos professores para adequar esse ensino diversificado, pensando na ludicidade como proposta estratégia de ensino (FRANCO et al., 2011; PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

A comparação entre os esportes de aventura e os esportes tradicionais, mostrou uma visão concordante em que a diferença principal está no risco e perigo inerentes à aventura. Mesmo sem ter cursado essa disciplina ainda, eles já carregam a imagem da necessidade de controle sobre os riscos para garantir a segurança nessas práticas, cabendo aos cursos de formação a desmistificação desse elemento para uma atuação profissional coerente (GOUVEIA; DUARTE; NAVARRO, 2008).

Ainda a respeito das diferenças a categoria natureza foi apontada como um destaque para rapazes e moças. Essa associação está presente na maioria das atividades como o surfe, a escalada, a canoagem, a trilha, o slackline etc. Inclusive Betrán (1995) apresenta em sua classificação sobre a aventura o termo Atividades Físicas de Aventura na Natureza, por essa aproximação com o ambiente, conceito que não foi incorporado no Brasil, pelo fato de muitas atividades serem realizadas no meio urbano, mas que não deixa de caracterizar a aventura como peculiar ao contato com o meio ambiente inóspito das montanhas, rios, mares e florestas.

Na categoria Conhecimento emergiu um sentido já expresso por Pereira (2010), da imprevisibilidade na aventura, que exige adaptações neurais e o pensamento aberto às experiências que tornem flexíveis comportamentos e atitudes. Outra distinção ocorre no sentido de vitória, pois no esporte tradicional, nos jogos de *agôn*, como postula Caillois (1990), vencer é derrotar o adversário e na aventura o adversário está dentro de si mesmo, são as limitações da pessoa, por isso os estudantes falam que o desenvolvimento na aventura está mais ligado a superar-se e vencer seus medos, não estabelecendo relação com a vitória sobre um oponente.



Por fim, apenas as mulheres entenderam que a aventura não é uma prática comum na escola como é o esporte tradicional, diferente do que foi apresentado pelos rapazes. É possível interpretar essa posição proveniente do modo como mulheres vivenciam a educação física escolar, pois em muitos casos, este é um espaço privilegiado para os meninos e como boa parte do conhecimento sobre a cultura corporal vem do período de escolarização, então não encontrar a aventura na escola é um fator decisivo para pouco conhecê-la e conseqüentemente não incorporá-la ao cotidiano, ficando a mulher cada vez mais alijada desse contexto (DUARTE; MOURÃO, 2007; SCHWARTZ et al., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados pode-se observar que mesmo com as dificuldades estruturais e de recursos, os participantes entendem como importante inserir a aventura na Educação Física pelos benefícios que ela proporciona, como um maior contato com a natureza, a superação dos desafios, autoconfiança, entre outros.

É preciso olhar para o futuro quando observamos uma crescente demanda na busca da prática da aventura, mesmo que ainda não esteja enraizada na cultura escolar, principalmente por parte das mulheres, que em geral tiveram menos contato com essas atividades em relação aos homens, mas que se interessam ainda mais por

conhecê-las. Os professores Educação Física devem inserir esse tema desde a iniciação, para ressaltar igualdade de gênero e incentivar a participação feminina, principalmente pelo aspecto empoderador da aventura, rompendo estigmas dos discursos pejorativos e posturas preconceituosas por parte da sociedade machista.

O papel das IES se torna fundamental para que o conhecimento específico da aventura seja tratado cientificamente e com propostas pedagógicas adequadas aos iniciantes, tanto nos aspectos de segurança, quanto técnicos, psicológicos, sociais e biológicos, ampliando o acervo cultural e qualificando a atuação dos futuros professores. O estudo mostrou que os futuros professores reconhecem a dificuldade de implementar o conteúdo da aventura na escola, devido as dificuldades com os recursos materiais, por outro lado, eles entendem que a aventura na escola pode desenvolver aspectos psicomotores, o conhecimento da cultura, que os estudantes terão a chance de uma aprendizagem que vai além dos muros escolares e num ambiente de ludicidade, motivos pelos quais se percebe a importância do tema na Educação Física escolar.

Entende-se que mais estudos devam ser realizados, para que se possa compreender melhor o tema da aventura na graduação em Educação Física e apesar desta pesquisa não representar a totalidade da população, ela deixa indícios que nos permitem vislumbrar os caminhos da formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALAD, Luciana Silva; COSTA, Vera Lucia Menezes da. A participação das mulheres nos esportes de vôo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista gênero**, v. 10, n. 1, p. 121-145, jan./jun., 2009.

BAHIA, Mirleide Chaar. A gestão das cidades sustentáveis e as atividades de aventura. In: PEREIRA, Dimitri Wuo e colaboradores (Orgs.). **Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura**. São Paulo: Lexia, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura em La naturaleza: análise sociocultural. **Apunts. educación física y deportes**, n. 41, p. 5-8, 1995.



CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa, Portugal: Cotovia, 1990.

CNE - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2003. Parecer nº. CNE/CES 67/2003. **Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0067.pdf>>. Acesso em: 07 de junho 2020.

DIAS, Cleber A. Gonçalves. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, v. 10, n. 3, p. 1-35, dez. 2007.

DUARTE, Catia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Movimento**, v. 13, n. 1, p. 37-56, jan./ abr., 2007.

FRANCO, Laércio Pereira e colaboradores. Atividades físicas de aventura: proposta de um conteúdo na educação física escolar no ensino fundamental I. **Arquivos em Movimento**, v. 7, n. 2, p. 18-35, jul./ dez., 2011.

FRANCO, Laércio Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de educação física: relações com a Base Nacional Comum Curricular. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 66-76, jan./ abr., 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./ jun., 2005.

GOUVEIA, Ana Paula M.; DUARTE, Natalia Lobo; NAVARRO, Francisco. Perfil das lesões em praticantes de skate. **Revista brasileira de prescrição e fisiologia do exercício**, v. 2, n. 9, p. 306-313, 2008.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luis de Deus. Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 28, n. 3, p. 55-70, mai., 2007.

ODILA, Carolina Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas. **Motriz**, v. 15, n. 1, p. 69-78, jan./ mar., 2009.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, p. 170-182, mai., 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Um olhar sobre a complexidade da escalada na educação física, na perspectiva de Edgar Morin**. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.



PEREIRA, Dimitri Wuo; GALINDO, Camila Bianca; DE PAULA, Renan Oliveira. Experimentando na escola a prática da aventura. **Revista brasileira de educação física escolar**, ano III, v. 2. p. 20-32, nov., 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo e colaboradores. Esportes radicais no meio ambiente urbano no município de São Paulo. **Caderno de educação física e esporte**, v. 15, n. 1, p. 83-92, 2017.

PEREIRA NETO, Gerson Paulo e colaboradores. Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. **Licere**, v. 20, n. 1, p. 115-139, mar., 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim; PEREIRA, Dimitri Wuo; SANTOS, Vinícius Sampaio F. Aventura e educação na Base Nacional Comum. **Eccos**, n. 41, p. 107-125, set./ dez. 2016.

SCHWARTZ, Gisele Maria e colaboradores. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, n. 2, p. 156-162, 2016.

_____. Preconceito e esportes de aventura: a (não) presença feminina. **Motriz**, v. 9, n. 1, p. 57-68, jan., 2013.

SILVA, Darlan Pacheco e colaboradores. Atividade física de aventura na natureza para pessoas com deficiência. **Licere**, v. 22, n. 2, p. 268-296, jun., 2019.

TENÓRIO, Maria Cecília M.; TASSIANO, Rafael Miranda; LIMA, Marília de Carvalho. Conhecendo o ambiente escolar para as aulas de educação física: existe diferença entre as escolas? **Revista brasileira de atividade física e saúde**, v. 17, n. 4. p. 307-313, 2012.

TERRÃO, Felipe Lopes. Conhecimentos e percepções de estudantes do Curso de Educação Física da Universidade Federal de São Paulo: uma análise a partir da divisão do currículo em licenciatura e bacharelado. **Revista educação e emancipação**, v. 10, n. 2, p. 230-260, mai./ ago., 2017.

Dados do autor:

Email: dimitriwuo141@gmail.com

Endereço: Rua Ernestina de Castro Marcondes, 263, casa 145, Parque da Represa, Jundiá, SP, CEP 13214-554, Brasil

Recebido em: 06/07/2020

Aprovado em: 19/11/2020

Como citar este artigo:

PEREIRA, Dimitri Wuo; ROMÃO, Sara Pereira, CAMARGO, Aline Aparecida Silva. A aventura como desafio aos professores de educação física. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 3, p. 36-46, set./ dez., 2020.